Apresentação

Este número da revista **Scripta** é fruto do trabalho de Maria de Lourdes – Malu – Matencio. Em pós-doutoramento realizado na Université Stendhal, Grenoble 3 – França –, na qualidade de participante do projeto Capes/Cofecub “Ensino-aprendizagem da escrita na formação de profissionais de nível universitário”, que envolveu a USP, a Unicamp e a Université Stendhal, Grenoble 3 – França –, e fazendo parte do grupo liderado, na Unicamp, pela Professora Angela Kleiman, Malu concebeu este número da revista como uma coletânea de encerramento dos quatro anos do projeto. Quem sabe não estivesse no horizonte de sua imaginação criativa um novo marco para a eventual continuidade dessa parceria que ela mesma havia inventado ainda em sua primeira visita a Grenoble, por ocasião de uma bolsa-sanduíche durante seu curso de doutorado. E, quem sabe, desta vez, não fosse com a presença, já tão marcante, dos colegas e pós-graduandos da PUC Minas. Seria bastante natural que assumisse a coordenação de uma possível terceira edição da parceria, mantendo uma tradição iniciada sob a coordenação de sua orientadora de doutorado, Professora Angela Kleiman. Mas, como diz Drummond, não há falta na ausência. A ausência é um estar em todos os que compreendem quando, como agora, nomeio o seu trabalho como pura imaginação criativa – e da melhor qualidade! Eis, portanto, o resultado deste seu trabalho.

Em artigo emocionado e instigante, Angela B. Kleiman apresenta resultados de projeto temático sobre a formação do professor, em que investigou as atividades de retextualização e as práticas de letramento. A autora apresenta, em particular, os resultados voltados a um dos aspectos de sua pesquisa, a saber, aquele atinente ao ensino/aprendizagem da escrita na formação de profissionais de nível universitário e às escolhas metodológicas e analíticas, lançando luz sobre as implicações da pesquisa na área de formação do professor.

Baseando-se na integração entre processos humanos e socioculturais na construção social do homem, também Jane Quintiliano Guimarães Silva e Maria de Lourdes Meirelles Matencio preocupam-se em compreender a complexidade do fazer do professor em suas facetas científica e pedagógica. Questionam sobre redes de atividades e práticas de letramento, investigando a formação identitária dos professores, as práticas discursivas de que participam e a interlocução com os discursos que circulam na esfera acadêmica e escolar.

Françoise Boch e Francis Grossmann, por meio da observação crítica de nove manuais escolares de francês em seus capítulos dedicados à modalização e ao discurso relatado, buscam levar a cabo a recomendação de Michel Dabène, destacada em epígrafe no próprio artigo, de que o trabalho do pesquisador em didática é pensar com rigor conceitos pouco nítidos. A contribuição dos autores se apoia na dificuldade dos manuais de tornarem didática uma noção linguística como a de enunciação. Observando criticamente o modo pelo qual os manuais apresentam aos leitores potenciais – professores e alunos – esse domínio movediço da linguística enunciativa, Boch e Grossmann sugerem que a assunção do encargo enunciativo seja considerada como entrada privilegiada no tratamento didático da enunciação.

Centradas na formação do professor de língua materna em formação inicial, Juliana Alves Assis e Maria Angela Paulino Teixeira Lopes buscam pistas do processo de construção identitária do professor com base em experimento realizado com alunos de Letras de diferentes etapas de formação. O objeto de discussão é a prática de avaliação de textos e o trabalho busca flagrar e compreender as representações do aluno em formação sobre a tarefa de correção de textos no processo de ensino/aprendizagem da escrita.

Preocupada com o ensino de língua materna e defendendo o trabalho com os gêneros do discurso, Norma Seltzer Goldstein mostra que essa opção pode reverter em ganhos não só para a leitura e a escrita, mas também para o ensino de gramática. Comentando algumas atividades baseadas no uso das formas verbais por alunos dos ensinos fundamental, médio e superior, a autora defende a ideia de que o ensino de gramática apresenta uma característica operacional e tem um papel de formar leitores e redatores competentes quando visto da perspectiva das intenções do enunciador e dos efeitos de sentido que se deseja produzir no texto.

Helena H. Nagamine Brandão, por sua vez, lida com a tensão vivida pelo sujeito no que se refere a adotar, na produção escrita em contexto escolar, a exigência institucional e a busca pela singularidade expressiva. Objetivando descrever as representações que o escrevente faz do referente e do trabalho de escrita, a autora trabalha com a hipótese de que, de um lado, há um movimento marcado pelo discurso didático-pedagógico escolar, tendendo à estereotipia, e, de outro lado, um sujeito que, embora determinado por contingências estruturais, procura um posicionamento próprio, buscando a singularidade enunciativa.

Empenhada em mostrar como se dá a construção do saber lexical nos discursos didáticos, Catherine Carras busca identificar os marcadores dialógicos de coconstrução do saber lexical em “cursos magistrais” de Ciências Econômicas

e Física. Segundo a autora, o curso magistral é o gênero universitário que, no contexto de integração de estudantes não francófonos em universidades francesas, mais apresenta dificuldade para esse tipo de público. Por meio da identificação de marcadores de explicitação lexical, Carras busca evidenciar três aspectos: a intensidade da atividade de explicitação do léxico no discurso do professor, os tipos de explicitação e o lugar do auditório nessa co-construção do saber lexical. Dialogismo e “identidade disciplinar” ganham, portanto, espaço em dois tipos de interesse do trabalho. Em primeiro lugar, no interesse pela atividade metalexical nesse tipo de curso, ligado à integração do público alófono, alvo do estudo de Carras. Em segundo lugar, ganham, também, espaço no exercício de um discurso didático que visa a criar nos estudantes, ao mesmo tempo, o domínio dos conceitos e o domínio da terminologia da disciplina, encaminhando-os para o diálogo com uma “identidade disciplinar”.

Aspectos verbo-visuais, como os esquemas ilustrativos, são recorrentemente mobilizados na divulgação do saber científico para fora de sua esfera de produção. Atenta a esse fato e partindo da ideia de que os enunciados de divulgação científica caracterizam-se pelo diálogo de saberes da esfera científica com os de outras esferas, Sheila Vieira de Camargo Grillo analisa o uso de esquemas ilustrativos na revista **Scientific American Brasil**. Estudando o período compreendido entre 2002 e 2007, a autora investiga as relações entre as imagens e o texto, materializadas na parceria entre as ilustrações e o material verbal.

Trabalhando com relatos de estágio produzidos por estudantes – futuros professores – do 3º ano do ensino superior, Fanny Rinck e Laure Pouvreau observam, nos escritos desses estudantes, o uso dos marcadores de pessoa – “eu” e “nós” acadêmicos – para analisar como se dá, nesses relatos, a construção do *ethos*, comparativamente aos escritos de especialistas. A narração do processo de pesquisa, as interações entre autor e leitor e as imagens do saber são as especificidades que, nos textos dos estudantes, possibilitam que as autoras discutam a maneira de melhor acompanhar os estudantes e de melhor definir as expectativas universitárias.

Além da ativa participação na preparação dos originais deste número da **Scripta** quando do encaminhamento dos artigos para publicação, Lourenço Chacon traz, também, sua contribuição de pesquisa para o ensino de língua materna, investigando a educação infantil, sem, no entanto, perder de vista a formação do professor. Em trabalho sobre concepções de “palavra” em escolas de educação infantil, o autor apresenta o resultado de pesquisa feita sobre as concepções de docentes de educação infantil e os ecos dessas concepções em seus

alunos de 4 a 6 anos. Os resultados indicam, por um lado, que predomina uma concepção fundamentalmente gráfica e semântica no conjunto dos docentes, em parte ratificada pelas crianças. Por outro lado, concepções que remetem a aspectos enunciativos, pragmáticos e discursivos da linguagem foram também detectadas. No entanto, se, da parte dos professores, foi possível observar o hiato entre o trabalho com práticas de letramento e o trabalho com unidades da língua na alfabetização, da parte das crianças esse hiato nem sempre aparece, o que sugere que elas não abrem mão de conhecimentos que trazem de sua circulação por múltiplas práticas de oralidade e de letramento ao lidarem com o conhecimento de unidades da língua – como a palavra.

Retomando e modificando versão de artigo publicado na revista **Répères**, em 2004, Bertrand Daunay e Yves Reuter apresentam um percurso didático inspirado em práticas de formação, posto em ação em curso de Ciências da Educação, ministrado para alunos, em sua maioria, professores ou aspirantes a professor. Trata-se de solicitar aos alunos a narração de memórias, relacionadas à leitura ou à escrita, bem como à sua aprendizagem. O objeto do artigo são práticas de linguagem específicas: as memórias pessoais – de experiências vividas – e sua análise. Da explicitação dos fundamentos teóricos que dão sustentação ao percurso didático proposto, passa-se à apresentação e discussão das variações do dispositivo aplicado no curso dos anos. Balizados os interesses e limites do percurso didático proposto são, por fim, avaliados seus efeitos por meio da análise de produções dos estudantes. Confirma-se, como resultado, o interesse de realizar, com os estudantes, um trabalho com base em práticas de linguagem que ponham em relevo a dimensão reflexiva da escrita em formação.

Fabiana Komesu e Luciani Tenani ocupam-se da relação fala/escrita em textos produzidos em contexto digital, buscando contribuir com a reflexão sobre a relação entre oralidade/fala e letramento/escrita de modo a fugir do que se tornou senso comum nas escolas a respeito da suposta “interferência” da fala na escrita. Baseadas em estudos discursivos e fonológicos, analisam enunciados extraídos de bate-papos virtuais, em particular a grafia de apelidos – *nicknames* – empregados nessas interações *on-line*. Os apelidos são tomados como lugar em que se evidencia a complexidade enunciativa, decorrente de informações de ordem linguística de diferentes dimensões: fonológica, morfológica, semântica e enunciativa. Os resultados indicam que as soluções gráficas não se explicam como interferências da fala na escrita ou como uma “escrita fonetizada”, mas como possibilidades que, captadas da língua e do discurso, põem em jogo e problematizam a constituição identitária no ambiente digital.

Em artigo sobre a escrita na universidade, Isabelle Delcambre, Tiane Donahue e Dominique Lahanier-Reuter defendem um tratamento teórico que assuma os escritos acadêmicos enquanto gêneros de discurso especificados pelas disciplinas universitárias. Confrontam resultados de duas pesquisas sobre a escrita acadêmica, levadas, uma, na França e, outra, nos Estados Unidos. Mais precisamente, o artigo centra-se nas rupturas que demarcam esses processos – tal como aquela implicada pela passagem da *licence* – licenciatura – ao *master* – diploma de alto nível correspondente a um ano de estudos posteriores à obtenção de um diploma de ensino superior – e nas continuidades que, ao contrário, os estabilizam. Resulta desses fatos que essas rupturas e continuidades são amplamente submetidas aos “contextos disciplinares” que especificam essa escrita, o que reforça a hipótese teórica.

Finalmente, abordando a produção escrita de pré-universitários em situação de avaliação – vestibular –, o trabalho de minha autoria analisa os arranjos temporais que organizam os textos, buscando mostrar que o treinamento escolar participa, de diferentes modos, da escolha e da organização das temporalidades por parte do escrevente.

Manoel Luiz Gonçalves Corrêa